

Relatório sessão “Pantanal e cerrado”

Divina das Dores de Paula Cardoso¹

A mesa-redonda iniciou-se às 17h00 sob a coordenação do Dr. Márcio Miranda, tendo como debatedores a Dra. Gisela Durigan e o Dr. João Flávio Veloso Silva.

Inicialmente, tomou a palavra o Dr. Márcio que, após apresentação própria, dos expositores e da relatora, passou às considerações pertinentes sobre a metodologia a ser adotada na sessão. A seguir, introduziu o assunto a ser tratado na mesa, ressaltando os seguintes aspectos.

Destacou o Cerrado e o Pantanal como desafios regionais, territoriais e ambientais, lembrando que os biomas enquadram-se na assertiva *conservation without action is conversation*. Neste enfoque, lembrou que, para a conservação, há dependência de recursos e políticas públicas. Não obstante, é também tema de conflito, considerando que de um lado tem-se: a perspectiva necessária do uso da terra, e, do outro, a biodiversidade e a cultura que precisam ser preservadas. No contexto, destacou além da água fundamental para ambos os contextos, a questão da produção agrícola crescente com o avanço da população para o oeste. Neste ponto, lembrou por outro lado que estes conflitos situam-se num contexto de gerenciamento em um país democrático com a possibilidade de modificar o curso do progresso, do desenvolvimento agrícola e de pecuária para melhor. Não obstante, a pergunta importante é: o encaminhamento se dará de forma correta? O grande desafio!

¹ Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal de Goiás (UFG).

Nesta perspectiva de grande desafio, lembrou as questões já postas em termos da territorialidade do Cerrado, que cobre mais de 2 milhões de quilômetros quadrados em 12 estados da federação, enquanto que o Pantanal ocupa em torno de 250 mil quilômetros quadrados e conta com a importância da bacia do alto Paraguai. Destacou que ambos os biomas representam um patrimônio biológico exuberante os quais existem praticamente apenas no Brasil com a característica ainda do seu entrelaçamento.

Finalmente, lembrou a última convenção para a preservação do planeta, em que o Brasil se posiciona na proteção de 10% do Cerrado e Pantanal e de 30% para a Amazônia. Não obstante, lembrou também que estamos distantes destes percentuais, que estão no momento em torno de 7,9%, 4,0% e 27% para o Cerrado, Pantanal e Amazônia, respectivamente. Nesta situação, lembrou também a necessidade do aumento do número de áreas de conservação para os biomas e encerrou sua interferência com duas questões: 1) O que esperar do futuro? e 2) O que faremos?

A Dra. Giselda foi a primeira palestrante a fazer uso da palavra, e o fez com foco no Cerrado. Ela iniciou sua fala, dizendo que, no seu entendimento, há um *tradeoff* inquestionável no Cerrado e que precisa ser encarado: o desenvolvimento científico-tecnológico X conservação. Destacou que, neste contexto, quanto maior a ocupação, maior a possibilidade de uso da terra de forma menos sustentável.

Ela enfatizou duas assertivas de uso corrente e antagônica: 1) Agricultura no Cerrado representa a maior conquista do Brasil; e 2) Não se necessita mais desmatar o Cerrado desde que este pode ser utilizado agregando valores.

No contexto da segunda assertiva, ela lembrou a grande riqueza biológica do Cerrado que ainda não é completamente conhecida. Por outro lado, não se tem conseguido agregar valor a essa biologia. Lembrou também a necessidade da proteção dos recursos hídricos na contextualização de que o Cerrado abriga oito bacias hidrográficas. Assim, não se pode fazer uso da terra com o comprometimento das nascentes desde que em assim o fazendo há na verdade o comprometimento do desenvolvimento. Como prova, lembrou que, na década de 1950, o Cerrado estava intacto e que, já em 2004, dados indicam a existência de apenas 45% de Cerrado remanescente, destacando que São Paulo só possui 7%.

Nesta perspectiva, ela traça um diagnóstico: não fosse o desenvolvimento científico e tecnológico, o Cerrado não teria sido tão degradado e tão rapidamente. Ela lamentou, lembrando que o Cerrado é o celeiro do país. Não obstante, a continuar com o ritmo de ocupação atual, este só restará nas unidades de conservação e nas áreas indígenas. Baseou esta afirmativa no contexto de que a silvicultura ocupa hoje uma área de 48.000 Km², um milhão de Km² de vinheiros, agricultura em 100.000 Km² e pastagens e gramíneas exóticas em 500.000 Km², num contexto de apenas 33.000 Km² de áreas protegidas.

Neste panorama, impõe-se o questionamento: O que fazer, o que queremos com esta extensa área de vinheiros? Pelo código florestal, 30% desta área podem ser retirados, restando, portanto, 700.000 Km² com futuro incerto. Se houver expansão da produção, certamente haverá extinção de espécies, degradação do solo, problemas com recursos hídricos, invasão biológica, portanto, ao final, problema de saúde pública.

Daí o grande desafio para ciência: Quais são os limiares? E como crescer sem transpor esses limiares? A palestrante apontou caminhos para a produção sustentável: planejamento para conversão, plantio de culturas menos impactantes e práticas na agricultura menos impactantes.

Nesta perspectiva, os ganhos são com produtividade alta, baixo risco de inversão biológica e planejamento de escoamento da pecuária.

Por outro lado, considerou que, para que haja conservação do ecossistema, necessário é que as boas práticas ocorram tanto em terras públicas quanto privadas. O setor público sabe onde criar as unidades de conservação e dispõe de recursos para tal. Por outro lado, não se tem previsão para subsidiar o setor privado. Ela reiterou a necessidade de o setor privado entrar no contexto da criação das unidades de conservação e que o procedimento legal não pode e não deve ser o de imposição sobre o produtor. Ao contrário, este tem que ter a perspectiva de retorno por parte do governo.

Ao final, ela complementou, traçando o seguinte cenário para o Cerrado:

1. Pode-se manter o cerrado de pé, apesar do desenvolvimento científico e tecnológico? ou
2. Dentro de alguma perspectiva otimista manter o cerrado de pé graças ao desenvolvimento científico e tecnológico?

A palestrante terminou sua palestra com as seguintes recomendações:

- Formar recursos humanos adequados para atividades com o bioma;
- Disseminar conhecimento com apropriação dos tomadores de decisão e legisladores;
- Fazer a diferenciação da relação do proprietário rural com a conservação.

Em seguida, tomou a palavra o Dr. João Flávio, que iniciou a sua fala, relatando o papel da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) no cenário nacional da pesquisa e da agropecuária. Destacou o número importante de unidades de pesquisa espalhados pelo território nacional, incluindo a unidade do Pantanal, bem como o papel desempenhado desde a sua criação no cenário da agropecuária brasileira.

Ressaltou que hoje, para o Cerrado, um grande foco da Embrapa é o das pastagens degradadas, que somam hoje 70% das pastagens cultivadas. Destacou também a questão da adoção da “revolução verde” no sentido de melhorias de insumos e variedades melhoradas de soja, milho e feijão. Adicionalmente, a preocupação com a fertilidade do solo em termos da adubação com destaque para fixação biológica de nitrogênio, o que trouxe diminuição no impacto sobre o meio ambiente pela não mais aplicação de nitrogênio no solo.

Lembrou também que outro ponto de preocupação da Embrapa é o manejo de solos e cultura, o que levou à prática em 80% a 90% de plantio direto. Ademais, a adoção na fruticultura de sistemas anuais e perenes, além do olhar para as plantas nativas do Cerrado no sentido da domesticação com o reflexo na melhoria da qualidade de vida da população adstrita. Em termos da pecuária, ele lembrou que 60% da produção de carne vêm do Cerrado, e que está se dá em 60-70% do Cerrado degradado. Assim, a preocupação é também a de recuperação destas pastagens.

Além de todas estas preocupações, a Embrapa hoje aponta alternativas para o aumento da produtividade animal no Cerrado, o que passa não só pela conservação das pastagens, mas também pelo processo de integração lavoura-pecuária, além da adoção de novas cultivares de forragens. No contexto, ressaltou a importância da integração lavoura-pecuária-floresta como mecanismo adequado para recuperação e integração com o sistema nativo.

Por fim, no contexto de aproveitamento sustentável e com agregação de valor à biodiversidade do Cerrado, ele destacou a necessidade da bioenergia para o Brasil - a macaúba, o dendê do cerrado, representa a grande alternativa como óleo vegetal. Reforçou que esta é uma planta que ocorre em veredas, é resistente a pragas e de alta produtividade - 400 litros/hectare/ano.

O palestrante ressaltou também que o Cerrado enfrenta outra vulnerabilidade em termos do aumento da temperatura e que, em se aumentando em torno de 3° C, corre-se grande risco de impactar os recursos hídricos e, conseqüentemente, o solo.

Ao final, o palestrante recomendou que, para o Cerrado, importante ainda é a realização de estudos que envolvam o conhecimento da biodiversidade. Adicionalmente, importa proceder também estudos relativos à diversificação dos sistemas agrícolas, não esquecendo o contexto da avaliação do efeito global da temperatura com um foco também no melhoramento do sistema-produção.

A seguir, o palestrante enfocou o Pantanal, ressaltando a importância da bacia do Alto Paraguai com a feliz constatação da sua ainda boa preservação. Destacou, no contexto, a necessidade dessa preservação, lembrando medidas já tomadas como a não permissão para introdução da cana-de-açúcar no solo agregado. Por outro lado, lembrou a vulnerabilidade do Pantanal em termos de seu solo frágil e arenoso, onde, por força da ocupação humana, já existe certo compro-

metimento do recurso hídrico com o realce para o rio Taquari. Lembrou também o potencial do Pantanal em termos do turismo, considerando a sua diversidade de flora e de fauna.

Adicionalmente, lembrou o potencial da pecuária do Pantanal, destacando o melhoramento da raça bovina além do pesqueiro, onde a pesca é feita já de maneira não adequada, esportiva e profissional, o que tem resultado em efeito negativo já com a constatação de estoque diminuído.

Como recomendação, destacou a promoção de um sistema de turismo cada vez mais institucionalizado para que os impactos ambientais sejam cada vez mais minimizados. Ainda destacou a demanda de pesquisa e desenvolvimento para o bioma no contexto também da inovação, o que deve se refletir em melhoramento animal e vegetal dentro de um processo de valorização dos recursos naturais e com o envolvimento forte e necessário da população local.

Ao final das apresentações, passou-se às perguntas que, curiosamente foram feitas por pessoas integrantes dos biomas. Merece destaque a que se segue, tendo como base também a objetividade: Como fazer para que a agricultura familiar tenha comercialização legal com maior facilidade?

Como resposta, destacou-se o papel importante das associações, com destaque para o seu fortalecimento, iniciativas para abertura de mercado, promoção da agroindustrialização em casos de produtos perecíveis, além da promoção de selos de conformidade de modo a valorizar o regional.

Foram expressas algumas preocupações como: importância da água do Cerrado para suprir outras bacias; preocupação com a qualidade de vida da população local, como os quilombolas, pantaneiros e ribeirinhos; com o impacto das mudanças climáticas sobre o Pantanal e o Cerrado com reflexo grave e de curto prazo na flora e fauna nativas; impacto ambiental da extensiva produção de cana-de-açúcar no Cerrado sem visualização de equacionamento; sobre a manipulação do zoneamento ecológico econômico (ZEE) já existente com seu conseqüente descumprimento.

Também foram feitas algumas recomendações como a necessidade de haver por parte do governo uma política de incentivo à produção nativa do Cerrado, necessidade de planejamento diferenciado para o turismo nestes biomas que leve a um ecoturismo sustentável.

A estas preocupações e recomendações, houve a sugestão, por parte dos palestrantes, no que concerne aos produtos nativos dos biomas, e, conseqüente impacto na qualidade de vida da população local, de que deve haver, por parte do governo, a implantação de subsídio de modo a torná-los competitivos com outros tipos de produção.

Dado o decurso de tempo, a reunião foi encerrada com a reclamação de que houve pouca discussão para o Pantanal.